

Teatro e intervenções urbanas: o Coletivo Heróis do Cotidiano

Gilson Motta

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Efetivo

Doutor – UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

Professor, Pesquisador, Cenógrafo, Figurinista, Performer

Resumo: As performances do *Coletivo Heróis do Cotidiano*, do Rio de Janeiro, fundem Intervenção Urbana, Teatro, Poesia e Artes Plásticas. A idéia básica do Coletivo é criar uma dimensão poética em espaços urbanos funcionalizados, de forma a re-territorializar e potencializar os afetos e os fluxos. Valorizando o elemento relacional da arte (a criação de um acontecimento artístico a partir da relação com o outro em seu contexto), as ações do Coletivo têm um teor político por produzirem uma reflexão sobre o uso do espaço urbano e sobre os condicionamentos e valores em vigor, propondo novas sociabilidades e formas alternativas de ação e reação aos dispositivos sociais. No presente artigo, farei uma exposição sobre o trabalho do Coletivo, destacando a performance chamada *Poder da Invisibilidade*.

Palavras-chave: Intervenção urbana, Performance, Arte relacional.

Formando em 2009 por Gilson Motta, Jarbas Albuquerque, Larissa Siqueira, Marcio Vito e Tania Alice, o Coletivo de Performance *Heróis do Cotidiano* desenvolve pesquisa prática e teórica a partir de intervenções urbanas, tendo realizado diversas ações performáticas no Rio de Janeiro, tais como *Desfile dos Heróis na Semana da Pátria, O que é um Herói? (entrevistas com transeuntes), Limpeza de estátuas, Medit-Ações, Poder da Invisibilidade, Soltando preocupações e Banquete dos Heróis*. Algumas destas ações foram realizadas a partir do Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua 2009, gerando um curta-metragem chamado *Heróis do Cotidiano*, dirigido por Antonio Pessoa. O Coletivo integra um projeto de pesquisa realizado na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) pela prof^a. Tania Alice. Tendo como base um corpo teórico que reúne Nicolas Bourriaud¹, Gilles Deleuze², Felix Guattari³, Hakim Bey⁴, Michel Foucault⁵ e Michel Onfray⁶, a idéia básica do Coletivo é a criação de uma dimensão poética em espaços urbanos funcionalizados, de forma a re-territorializar e potencializar os afetos e os fluxos. As performances inserem-se assim no que chamamos de “ativismo poético”: a conciliação da ação artística com perspectivas políticas e sociais, a partir de um questionamento do uso do

¹ Cf. BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

² Conceitos como “linha de fuga” e “desterritorialização” vêm perpassando as discussões do Coletivo. Considerando a dispersão dos temas estéticos ao longo da obra de Deleuze, indicamos o seguinte texto: SAUVAGNARGUES, Anne. *Deleuze et l'art*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

³ Cf. GUATTARI, Felix. *Caosmose. Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

⁴ Cf. BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Editora Conrad, 2001.

⁵ O conceito de “biopoder”, assim como as reflexões sobre o espaço propostas por Foucault, são referências para o trabalho do Coletivo. Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1994. Ver também: “Outros espaços” In FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

⁶ Cf. ONFRAY, Michel. *A política do rebelde. Tratado de resistência e insubmissão*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

espaço urbano, dos condicionamentos e dos valores em vigor, de modo a gerar novas sociabilidades e a propor formas alternativas de ação e reação aos dispositivos sociais.

Além desse corpo teórico, o Coletivo reflete também sobre o Heroísmo na atualidade, baseando em autores como Lucy Hughes-Hallett¹, Joseph Campbell², Umberto Eco³ e Luc Ferry⁴. As intervenções questionam e repensam as idéias acerca do Herói, gerando novas possibilidades de leitura e buscando identificar as formas de heroísmo contemporâneo. Em nossas intervenções-pesquisas práticas constatamos a assimilação por parte da população de certo ideal equivocado de heroísmo que vem sendo estimulado pela mídia, ideal este que, ao realçar o esforço individual de superação de dificuldades, oculta o plano social e político, gerando certa confusão na ordem dos valores. Ao questionarmos a população acerca das idéias de heroísmo e vilania, observamos que, de um lado, muitas pessoas julgam-se como heróis naquelas que seriam as lutas do dia-a-dia e até mesmo aqueles indivíduos que se acham mais excluídos da sociedade, os chamados “moradores de rua”, têm, por vezes, esta visão acerca de si mesmos, por outro lado, se um julgamento negativo recai sobre os políticos profissionais, que seriam os grandes vilões da sociedade, ocorre também que este mesmo indivíduo-herói revela grande desconhecimento acerca das formas de participação ativa nos processos políticos e sociais. Tal situação nos fez acentuar a tônica política das intervenções, aprofundando a relação assim como o hiato entre exclusão social e participação política, de modo a revelar uma idéia radical sobre o heroísmo. Tal aspecto revela-se com mais clareza na performance *Poder da Invisibilidade*.

A performance *Poder da Invisibilidade* surgiu, de certo modo, por acaso, na ocasião em que, diante do impedimento de viajar nos trens da Supervia, no Rio de Janeiro, os Heróis do Cotidiano se deslocaram para o exterior da estação a fim de prosseguir com o questionário sobre heroísmo. Nesta situação deparamos-nos com pessoas que viviam em estado de precariedade, mas também com diversos jovens que dormiam numa calçada do terminal rodoviário da Central do Brasil. Os Heróis deitaram-se no chão junto destas pessoas, reproduzindo suas posturas corporais, chamando a atenção dos transeuntes para aquela situação. Assim, aquelas pessoas tornadas invisíveis para a sociedade em função de sua exclusão do sistema econômico-político ganhavam visibilidade por alguns minutos. Pelo seu impacto e poder simbólico, essa ação vem sendo retomada pelo Coletivo, fazendo-nos pensar no tema do heroísmo e na própria condição da arte na sociedade atual.

¹ HUGUES-HALLETT, Lucy. *Heróis. Salvadores, traidores e super-homens*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2007.

² CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2002.

³ ECO, Umberto. *O super-homem de massa. Retórica e ideologia no romance popular*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

⁴ FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos. Aprender a viver II*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

No que se refere ao heroísmo, observa-se que, desde a Antiguidade, o heroísmo está ligado a uma missão a ser cumprida, modelo este que é sintetizado no mito de Hércules. Esta missão, que determina mesmo o surgimento do Herói, envolve uma série de virtudes e capacidades, como coragem, força, inteligência, sagacidade. Segundo Luc Ferry¹, o herói grego luta contra aquelas forças que representam uma ameaça à ordem estabelecida por Zeus. Trata-se da luta das forças da ordem contra a constante ameaça das forças do caos. Esta concepção do heroísmo ainda se faz presente nas representações atuais. É o caso de diversos super-heróis que, para combater as forças da desordem atual - o crime organizado, as ameaças à paz, a destruição do planeta, etc - passam a se identificar às forças de conservação e a um estado policiado. Assim, enquanto o herói tradicional se move num mundo dicotômico, ao deslocarmos estas questões para nossos dias tudo se torna mais complexo, pois podemos nos perguntar: quem são as forças do caos e da ordem na atualidade? Num mundo marcado pela instabilidade do sistema econômico, pelas crescentes crises climáticas, por um quadro social de crescente exclusão e miséria, pelo crime organizado, pela corrupção dentro e fora do Estado, pela omissão do poder público, pela violência praticada contra os direitos humanos pela própria polícia, torna-se impossível distinguir as forças do caos das forças da ordem, os heróis dos vilões, o bem do mal. Assim sendo, uma das questões que tem perpassado o trabalho do Coletivo é: qual a missão do herói num mundo caótico e trágico?

Resgatando e atualizando estes temas, desenvolvemos a ideia da criação artística enquanto missão. Assim como fazem os pichadores que se vangloriam de colocar suas assinaturas em lugares de difícil acesso, os Heróis do Cotidiano propõem-se a realizar intervenções que envolvam perigos, dificuldades e riscos. Essa ideia do risco é mesmo essencial à arte da performance. Além disso, nesta perspectiva que opera com os conceitos de caos e de ordem, julgamos também que, contrapondo-se à ideia do Herói como força ordenadora, as ações performáticas do Coletivo devem apontar para a ideia da desordem, de revelação do fator caótico. Assim, em *Poder da Invisibilidade*, a missão é apontar para aqueles que, para Michel Onfray², situam-se no plano superior da “cartografia da miséria”: os indigentes, os malditos, aqueles que parecem indicar a presença de uma regressão da espécie humana.

A proposta do Coletivo funde o elemento ético ao estético, resgatando uma discussão proposta por Helio Oiticica em “Bólido Caixa 18 – Homenagem à Cara de Cavalo”, na qual consta a frase: “Seja marginal, seja herói”. A discussão sobre o heroísmo é, deste modo, aprofundada na medida em que lidamos aqui com o antípoda do herói: o excluído social, o ser humano que, aos olhos da sociedade, perdeu sua humanidade,

¹ Cf. FERRY, Luc. Op. Cit.

² Cf. ONFRAY, Michel. Op. Cit.

transformando-se em objeto, até chegar a um ponto de “invisibilidade”. São pessoas que ocupam alguns campos de visibilidade significativos, como as praças, agora cercadas por grades, as escadarias de igrejas, a proximidades dos hospitais, os viadutos, entre outros. Invertendo a análise do panóptico proposta por Michel Foucault, onde o ser submetido ao controle “é visto, mas não vê; é objeto de uma informação. Nunca sujeito de uma comunicação”¹, aqui o excluído vê, mas não é visto, ou melhor, só é visto quando se torna uma ameaça para uma determinada ordem. Nesta ação, o Coletivo busca estabelecer contato com os excluídos, tornando-os sujeitos de uma comunicação.

A aproximação do heroísmo à exclusão social aponta para diversas discussões caras ao pensamento social, político e econômico, como por exemplo, a divisão do território urbano, a inclusão social, a violação do direito à cidade, a busca de um modelo econômico que se revele menos prejudicial à vida humana. Isto é, a performance *Poder da invisibilidade* atualiza o questionamento sobre a exclusão, enquanto forma extrema da marginalidade, por intermédio da tentativa de gerar uma provocação e um estranhamento do olhar do público diante da imagem do herói ao lado de um “morador de rua”.

Se, segundo a conhecida sentença de Paul Klee, a “arte não reproduz o visível, ela torna visível”², ao registrarmos estas ações em fotos e vídeos, o que buscamos é estabelecer um jogo entre os visíveis e os invisíveis na sociedade, aos quais se associam também as idéias de heróis e vilões, de vencedores e derrotados. Considerando, por um lado, que a idéia de “visibilidade” é essencial no Marketing empresarial e pessoal, vinculando valores como competência, credibilidade, reconhecimento público, sucesso e, por outro, que estes “visíveis” são também os agentes e/ou atores (anti-heróis ou vilões) de um sistema econômico gerador de diferenças econômicas e de exclusões sociais, o Coletivo busca subverter os meios de dar “visibilidade” por intermédio de uma exibição do “invisível” social, ao qual, tanto podem se agregar os valores opostos (fracasso, derrota, improdutividade, marginalidade), quanto uma idéia de heroísmo, em função das condições precárias e adversas que este indivíduo tem que enfrentar para sobreviver. Neste sentido, dá-se a ambivalência entre heróis e vilões, derrotados e vitoriosos, visíveis e invisíveis. Nesta perspectiva, o fato de adotarmos a linguagem da performance é significativo na medida em que, em nossa ótica, esta é uma manifestação artística que pode também se situar à margem do mercado, mostrando-se como uma forma de resistência, o que faz da performance, em si mesma, uma forma de heroísmo artístico.

Atualmente, o projeto do Coletivo de Performance *Heróis do Cotidiano* é criar uma exposição com as imagens que são geradas na intervenção *Poder da Invisibilidade*, de

¹ Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 177.

² Cf. KLEE, Paul. “Credo du createur”. In *Théorie de l’art moderne*. Paris: Éditions Denoël, 1985.

modo a aprofundar uma reflexão sobre as relações entre arte, heroísmo e exclusão social e propiciar discussões de caráter estético, ético e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Editora Conrad, 2001.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.
- ECO, Umberto. *O super-homem de massa*. Retórica e ideologia no romance popular. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos*. Aprender a viver II. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose*. Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HUGUES-HALLETT, Lucy. *Heróis. Salvadores, traidores e super-homens*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2007.
- KLEE, Paul. *Théorie de l'art moderne*. Paris: Éditions Denoël, 1985.
- ONFRAY, Michel. *A política do rebelde*. Tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- SAUVAGNARGUES, Anne. *Deleuze et l'art*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.